

Graduação em Enfermagem em Tempos da Covid-19: Reflexões sobre o Ensino Mediado por Tecnologia

Nursing Graduation in Times of Covid-19: Reflections on Technology-Mediated Education

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v10i3.1194

Thereza Christina Mó y Mó Loureiro
Varella^{1*}

Eloa Carneiro Carvalho¹

Karla Biancha Silva de Andrade¹

Samira Silva Santos Soares^{1,2}

Sandra Regina Maciqueira Pereira¹

Sheila Nascimento Pereira de
Farias²

Norma Valéria Dantas de Oliveira
Souza¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem. Boulevard 28 de Setembro, 157, Vila Isabel - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery. Rua Afonso Cavalcanti, 275, Cidade Nova - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

*thereza1208@gmail.com

Resumo

Este estudo objetivou refletir sobre as possibilidades de Ensino a Distância (EaD) na formação de enfermeiros durante a pandemia da Covid-19 e apresentar ponderações sobre o ensino mediado por tecnologias para formação de enfermeiros após a pandemia. Por meio de estudo teórico-reflexivo, construiu-se a discussão a partir de três seções: i) Formação de enfermeiros em tempos de pandemia; ii) Docentes e uso da modalidade remota de ensino; iii) Futuro para educação de enfermeiros diante dos novos desafios. Os resultados demonstraram que a utilização do ensino remoto emergencial como alternativa para minimizar os danos para os estudantes ainda deverá ser objeto de investigação. Entretanto, esse processo certamente terá consequências especiais para a educação do Brasil. Professores e estudantes de enfermagem estão se reinventando para o enfrentamento desse novo desafio. Ademais, os cursos presenciais de graduação em enfermagem na pós-pandemia têm a perspectiva de absorver a experiência atual e buscar inovações, articulando formas híbridas de momentos presenciais e de ensino mediado por tecnologia. Naturalmente, sem abandonar a ideia da importância das aulas presenciais na formação de enfermeiros.

Palavras-chave: Enfermagem. Ensino a distância. Pandemias. Infecções por coronavírus. Tecnologia educacional.



Recebido 31/08/2020
Aceito 20/01/2021
Publicado 21/01/2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: VARELLA, T. C. M. L. *et al.* Graduação em Enfermagem em Tempos da Covid-19: Reflexões sobre o Ensino Mediado por Tecnologia. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, e1194, 2020.
DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i3.1194>

Nursing Graduation in Times of Covid-19: Reflections on Technology-Mediated Education

Abstract

The present study aims to reflect on the possibilities of Distance Learning (DL) in the training of nurses during the Covid-19 pandemic and to present considerations on the teaching mediated by technologies for the training of nurses in the post-pandemic. In this way, through a theoretical-reflective study, the discussion was built from 3 sessions: i) Training of nurses in times of pandemic: the uncertain reality of technology-mediated teaching; ii) Teachers and the use of remote teaching in an emergency due to the Covid-19 pandemic; iii) Future for the education of nurses in the face of new challenges. The results showed that the use of emergency remote education as an alternative to minimize the damage to students should still be the object of investigation. However, this process will certainly have special consequences for education in Brazil. Nursing professors and students are reinventing themselves to face this new challenge and face-to-face undergraduate nursing courses in the post-pandemic have the perspective of absorbing the current experience and seeking innovations, articulating hybrid forms of presential moments and technology-mediated teaching. Naturally, without abandoning the idea of the importance of face-to-face classes in the training of nurses.

Keywords: *Nursing. Distance learning. Pandemics. Coronavirus infections. Educational Technology.*

1. Introdução

O mundo experimenta uma dramática situação de saúde, com capilaridade para todos os demais setores da economia, configurando-se como a maior crise vivenciada desde a Segunda Guerra Mundial. A pandemia da Covid-19 impactou os mercados, afetou de forma contundente a bolsa de valores, atingiu a produção de alimentos, evidenciou crises políticas, tornou evidentes as desigualdades sociais e provocou o maior apagão educacional no mundo.

A crise educacional vivenciada na esteira da pandemia se revela ainda mais perversa em países que mantêm grande contingente da população em situação de exclusão social, cuja educação já apresentava indicadores alarmantes.

A educação no Brasil, em que pese ter mostrado tímido avanço a partir de 2003, ainda está entre os piores desempenhos no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), um dos componentes dos relatórios da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (OCDE, 2018).

Na última avaliação do PISA, realizada em 2018, com a participação de 79 países, o Brasil se encontrava na 57ª posição em leitura; na 70ª, em matemática; e na 66ª, em ciência, entre os países e regiões avaliados. Na América do Sul, segue-se atrás do Uruguai e do Chile, e com distância abissal da China e de outros países asiáticos, no topo da avaliação (INEP, 2019).

Destaca-se que o resultado dessa avaliação não é homogêneo no país, uma vez que os alunos de escolas privadas mostram, em média, desempenho superior comparados aos de escolas públicas, confirmando a

desigualdade social e de acesso à educação de qualidade (INEP, 2019). Esse quadro, inquestionavelmente, agravou-se a partir da pandemia, tendo em vista que enquanto no ensino fundamental e médio os alunos das escolas privadas mantiveram algum tipo de ensino remoto, os da rede pública, por escassez de acesso a dispositivos eletrônicos (*notebook* ou *smartphone*, por exemplo) e à rede de *internet*, estão, na maioria dos casos, sem qualquer medida educacional efetiva (DIAS; PINTO, 2020).

Para minimizar os efeitos da pandemia, o Ministério da Educação permitiu o ensino remoto emergencial, adotado em outros países, mesmo para cursos autorizados pela instituição na modalidade presencial (BRASIL, 2020b).

No ensino superior, o movimento não foi diferente. As universidades privadas, para garantirem o suporte econômico com as mensalidades, vêm adotando aulas remotas de forma emergencial, com professores e alunos que tiveram que se adaptar rapidamente a essa nova realidade. As universidades públicas, em maioria, prorrogaram para o segundo semestre a perspectiva de iniciar atividades com ensino remoto emergencial, buscando alternativas de distribuição de equipamentos e plano de dados, principalmente para os alunos de ingresso por sistema de cotas. Nesta lógica, o ano de 2020 ficará na história como o ano perdido para a educação (DIAS; PINTO, 2020).

Tendo em vista o exposto, algumas questões necessitam de análise e reflexão: os professores estão preparados para assumir esse desafio? O Ensino a Distância (EaD) é capaz de ser exercido, transpondo a mesma metodologia do ensino presencial para o ensino remoto? Os cursos da saúde, em especial, as graduações de enfermagem podem se viabilizar com cursos a distância?

O conceito de Ensino a Distância pode ser sistematizado como método pedagógico de ensino, em que o educador e o educando não compartilham o mesmo ambiente físico e é efetivado por meio do intenso uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (ALVES, 2011).

A oferta de cursos na modalidade EaD estava prevista na Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB) de 1996, seguindo a tendência internacional, em virtude da ampliação do uso de TIC. O Decreto de Lei n. 9.394, de 20 de dezembro do mesmo ano, no artigo 80, autoriza a Educação a Distância como modo de ensino. Tal modalidade ganhou nova perspectiva e facilitou o acesso ao ensino, devido à sofisticação, rapidez e melhor aproximação entre docentes e alunos. Essa legislação foi atualizada pelo Decreto nº 9.235, de 2017 (BRASIL, 1996; 2017b).

Entende-se por TIC as tecnologias e os métodos de comunicação surgidos na terceira Revolução Industrial, aprimorados a partir da década de 1990, caracterizados por agilizar, horizontalizar o conteúdo da comunicação, por intermédio da digitalização e comunicação em redes, para captação, transmissão e distribuição das informações. Consideram-se TIC computadores, câmeras de vídeo, *webcams*, *pendrives*, disco rígido ou HD, telefone móvel, *internet*, digitalização, fotografia digital, entre outros (LEITE; RIBEIRO, 2012).

Nesse entendimento, o ensino mediado por TIC permite a adoção de práticas educacionais mais flexíveis e tem se mostrado de grande eficácia para EaD de adultos inseridos no mercado de trabalho. Porém, na área da saúde, ainda, é pouco conhecido, sendo mais utilizado nos programas de pós-graduação ou cursos de atualização (TANAKA *et al.*, 2017).

Elucida-se que os cursos de graduação em enfermagem até 2008 aconteciam de forma exclusivamente presencial. No entanto, de acordo com o e-MEC, em 2019, havia 17 cursos de graduação em enfermagem cadastrados na modalidade EaD, sendo 9 em atividade, com oferta de 82.350 vagas (BRASIL, 2020a).

Assim, ao considerar o exposto, objetivaram-se refletir sobre as possibilidades de EaD na formação de enfermeiros durante a pandemia da Covid-19 e apresentar ponderações sobre o ensino mediado por tecnologias para formação de enfermeiros na pós-pandemia.

2. Metodologia

Trata-se de estudo teórico-reflexivo que tem como tema central a pandemia da Covid-19 e as possibilidades de EaD na formação de enfermeiros durante a pandemia da Covid-19.

Os estudos teórico-reflexivos têm como proposição aprofundar sobre determinado objeto, fundamentando-se em literatura pertinente, atual e abrangente, a qual possibilite produzir, aprofundar ou consolidar conhecimentos (PENNAFORT *et al.*, 2012).

Ao considerar a literatura investigada, tal reflexão elaborou a discussão com base em três eixos temáticos: i) Formação de enfermeiros em tempos de pandemia; ii) Docentes e uso da modalidade remota de ensino; iii) Futuro para educação de enfermeiros diante dos novos desafios.

3. Resultados

3.1 Formação de enfermeiros em tempos de pandemia

O ano de 2020 era esperado pela Enfermagem Mundial, em virtude dos 200 anos do nascimento de Florence Nightingale. No entanto, a sociedade internacional foi surpreendida e vive um momento apontado por epidemiologistas como um dos maiores desafios sanitários deste século: a pandemia da Covid-19. No Brasil, os primeiros casos foram relatados em fevereiro de 2020 e, até 11 de agosto de 2020, o país havia atingido 103.026 óbitos, enquanto no mundo já se registravam mais de 17.580.163 casos de Covid-19. Sem vacina, entre as estratégias mais indicadas para se combater a Covid-19 e preservar vidas, têm-se as medidas: isolamento social, não-aglomerações de pessoas, uso de máscaras e adoção de hábitos saudáveis de higiene, como lavar as mãos corretamente (BRASIL, 2020c).

Nesse sentido, no período em que o Brasil cumpre as determinações de distanciamento social e que vários setores da atividade econômica se ajustam às novas medidas, crianças e adolescentes da educação básica tiveram aulas suspensas por tempo indeterminado. Não sendo diferente para os universitários e pós-graduandos de universidades públicas e privadas que tiveram as aulas interrompidas por tempo indeterminado e professores dispensados das atividades escolares e acadêmicas desenvolvidas de forma presencial para exercer trabalho remoto (ARRUDA, 2020).

No que tange à formação de enfermeiros, trata-se de questão complexa e metódica, na qual vem sofrendo aprimoramentos ao longo do tempo. Em 2001, com a Resolução do Conselho Nacional de Educação, instituíram-se as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, tendo como princípios a pedagogia das competências, o aprender a aprender, a formação generalista, humanista, crítica e reflexiva e a formação centrada no aluno e no professor como facilitador (BRASIL, 2001).

Porém, com a pandemia do novo coronavírus, a enfermagem brasileira precisou se reinventar para dar seguimento às atividades docentes e, desta forma, aproximar-se e se apropriar do mundo digital, em que as TIC estão em toda parte, servindo como canais para atividades educacionais remotas e de EaD, com intuito de facilitar o acesso à educação em momento emergencial e sem previsão de término. Entretanto, o uso dessas tecnologias pode ser algo impensável, diante do quadro de desigualdade social existente no Brasil e do caos sanitário e financeiro promovido pela pandemia (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020).

O conceito de aprendizado híbrido, o qual associa aulas presenciais ao ensino a distância, por meio de metodologias convencionais de ensino, estratégias tecnológicas e metodologias ativas, vem sendo discutido ao longo das duas últimas décadas. Contudo, durante a pandemia, as instituições de educação superior, a fim de serem capazes de prosseguir com o ensino para o cumprimento das atividades acadêmicas, viram-se

forçadas a recorrerem a diferentes métodos e estratégias pedagógicas, considerando a utilização do ensino remoto emergencial e/ou, ainda, a modalidade EaD como alternativas para organização pedagógica e curricular dos cursos de graduações presenciais (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020).

Assim, faz-se mister compreender que a diferença entre EaD e atividade educacional remota emergencial é, em primeiro lugar, semântica. Apesar do ensino remoto emergencial seguir os condicionantes do ensino a distância, pois professores e alunos estão separados geograficamente, remete a um processo emergencial, em que, de forma remota, seguem as mesmas metodologias de aulas expositivas por meio virtual, processo que cessará assim que as condições sanitárias permitirem.

Em contrapartida, a utilização do EaD remonta ao século XIX, por meio do ensino por correspondência, atravessando o século XX, com programas educativos pelo rádio e pela televisão, tendo como exemplo emblemático o telecurso, com aulas do ensino fundamental e médio para jovens e adultos trabalhadores (SANES *et al.*, 2020).

Com a revolução digital e a utilização da *internet*, os cursos em EaD tomaram maior vulto e expressão, tanto em modalidades de atualização como na educação formal, visto que era prevista pela LDB.

A utilização do EaD como perspectiva para o aumento do acesso ao ensino superior em enfermagem tem sido objeto de estudos internacionais e forma de demonstrar a efetividade da educação mediada por tecnologia para melhorar os resultados da formação de enfermeiros (NAJAFI GHEZELJEH *et al.*, 2019).

Entretanto, diante da complexidade do desenvolvimento de competências necessárias à formação de enfermeiros, em especial a competência clínica para o cuidado, a qual exige o desenvolvimento de habilidades impossíveis de serem alcançadas em modalidades não presenciais, a literatura ainda não dispõe de respostas sobre como o EaD poderá suprir esse aprendizado (HUMEREZ *et al.*, 2019).

A disponibilidade de laboratórios para disciplinas básicas, como anatomia, bioquímica, fisiologia, microbiologia, parasitologia, bem como para específicas, como fundamentos de enfermagem, semiologia, semiotécnica, representam insumos necessários para aquisição de habilidades em aulas práticas e presenciais.

No entanto, a excepcionalidade da situação em decorrência da Covid-19 e do isolamento social colocou na agenda a emergência de se buscar alternativas para evitar a total paralisação dos cursos, com prejuízos inestimáveis para discentes, docentes e sociedade como um todo.

A criação de atividades variadas no espaço virtual se apresenta como alternativa viável para manter as atividades das graduações em enfermagem. O espaço virtual permite reunir e integrar diversas mídias, com diferentes possibilidades. A utilização de plataformas digitais, áudios e vídeos, hipertextos constitui ferramenta que possibilita recriar a realidade e promover experimentações em práticas virtuais (KOZLOWSKI-GIBSON, 2018).

Situações-problema podem ser colocadas como desafios de aprendizagem, apontando para análise do contexto, hipóteses de soluções, identificação de prioridades, busca de informações relevantes e tomada de decisão. Salienta-se que a mera replicação de metodologias de aulas presenciais para o ambiente virtual poderá resultar em desmotivação tanto de estudantes como de professores.

3.2 Docentes e uso da modalidade remota de ensino

O ensino de nível superior, assim como em outros níveis de formação, tem especificidades e nestas estão configuradas potencialidades, limitações, avanços e mesmo retrocessos no processo de ensino-aprendizagem. Tais configurações sofrem influência do contexto político-econômico, dos valores e das aspirações sociais, das tecnologias à disposição da sociedade e do ensino, entre outros aspectos.

As universidades são os espaços precípuos para desenvolvimento do ensino de nível superior. Têm como missão, não somente formar para o mundo do trabalho, mas desenvolver um processo de ensino-aprendizagem que forme cidadãos reflexivos, críticos, proativos e preparados para solucionar problemas que interferem na dinâmica social. Nesta perspectiva, tais instituições desenvolvem, além do ensino, a pesquisa e a extensão, com o fito de abranger toda a complexidade que envolve a formação em nível superior (LUSA *et al.*, 2019).

Enfatiza-se que, em universidades públicas, há também a pressão por desenvolver pesquisas, publicar artigos, captar recursos financeiros de órgão de fomento à pesquisa, emitir pareceres para revistas científicas, realizar gestão pedagógica, orientar trabalhos científicos, entre outros. Essas demandas, muitas vezes, acontecem quase simultaneamente, o que pode resultar em tarefas cumpridas inadequadamente e em sofrimento psicofísico do docente, que, para dar conta da carga de trabalho, assume longas jornadas de trabalho (dentro ou fora do espaço institucional) (D'OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Nessa lógica, a configuração do ensino de nível superior, mesmo antes da pandemia, mostrava-se insólita e adversa ao bom desenvolvimento do ensino de qualidade. No entanto, com o advento da pandemia, outras situações têm impactado negativamente este contexto. Nesta acepção, com a premência de medidas de prevenção contra o contágio, em especial o isolamento social, apontou-se para necessidade do ensino a distância, porém, desenvolvido na perspectiva de ensino remoto emergencial, pois escolas e universidades se tornaram espaços temidos para transmissão da Covid-19.

Essa modalidade de ensino trouxe novos estranhamentos e conflitos para os docentes, dentre os quais, salienta-se a dificuldade em utilizar as TIC a distância, além da necessidade de desenvolver aulas que mantenham os estudantes atentos durante a execução. Outrossim, muitas instituições optaram pelo ensino na modalidade síncrona ou em tempo instantâneo, o que resulta na invasão do espaço doméstico pelo espaço de trabalho, alterando a dinâmica do lar e a rotina dos demais moradores da residência, bem como na injúria à privacidade domiciliar (ARRUDA, 2020).

Assevera-se também que, no Brasil, há contingente elevado de pessoas sem acesso ou com incipiente conexão às tecnologias digitais, incluindo-se, portanto, professores e estudantes. Ademais, é preciso enfatizar que acessar tecnologias digitais com o mínimo de qualidade para garantir um bom processo de ensino-aprendizagem demanda dispêndios financeiros e investimento em equipamentos. No entanto, até o momento, algumas iniciativas ocorreram na perspectiva de auxiliar os discentes com o fornecimento de equipamentos que pudessem garantir o acesso às aulas e atividades acadêmicas propostas. Porém, as instituições de ensino não cobrem o ônus financeiro gerado aos docentes, impactando no orçamento desses profissionais e das respectivas famílias (ARRUDA, 2020).

Outra reflexão se refere à literatura científica, a qual ainda não oferece constructo teórico consistente para fornecer respostas ao resultado da formação a distância, em termos de formação de habilidades e competências ao futuro profissional. Outrossim, outras incertezas emergem quando se reflete sobre esta modalidade de ensino, ou seja, acerca de como deve ocorrer o processo de avaliação da aprendizagem. Isto é, antigas formas de avaliação são pertinentes e apropriadas a esse novo contexto? Provas, testes, avaliação da frequência e participação nas aulas devem ser mantidos nos mesmos moldes do ensino presencial? (COSTA *et al.*, 2020).

A despeito das inquietações que assolam a dinâmica educacional atual quanto às dificuldades de usabilidade e acessibilidade, a transição do ensino presencial para o remoto emergencial é uma condição *sine qua non*. Além do fato de que as Instituições de Ensino Superior (IES) que se anteciparam, podem progredir para processos de avaliação e adequação das tecnologias, diferentes de outras que estão no processo introdutório.

No que se refere ao ensino teórico na graduação em enfermagem, a transição para o modelo remoto, não necessariamente afetaria a aprendizagem, porém, nos períodos com demanda da prática clínica, ou

seja, com a necessidade de aquisição de competências para o cuidado com os pacientes, considera-se o ensino presencial essencial para formação de enfermeiros (RAMOS-MORCILLO *et al.*, 2020).

Portanto, a preocupação de docentes e estudantes de enfermagem quanto às disciplinas teórico-práticas e às visitas técnicas motiva a insegurança quanto à formação profissional com deficiências curriculares, pela impossibilidade imposta dessas atividades serem administradas na forma remota (SOUZA *et al.*, 2020). Esta inquietação se reflete não somente no Brasil, mas também em outros países, a exemplo da Espanha, em que estudantes reconhecem a importância da prática hospitalar e refletem sobre a impossibilidade desta aprendizagem, sendo esta vital para a formação (RAMOS-MORCILLO *et al.*, 2020).

Evidencia-se que as dificuldades serão diversas e as estratégias de revisão da dinâmica educacional serão constantes na prática diária da graduação em enfermagem, em toda estrutura educacional. Por conseguinte, o aprimoramento constante para as estratégias de ensino no ambiente *on-line*, com implementação, avaliação e refinamento das disciplinas dos cursos de enfermagem serão também desafios nas IES (JOWSEY *et al.*, 2020). Pondera-se sobre o ambiente fértil atual para o desenvolvimento de técnicas pedagógicas e metodologias diversas atreladas ao ensino *on-line*, que podem advir com as experiências vivenciadas durante a pandemia da Covid-19.

Cabe às IES o gerenciamento e as adaptações de metodologias de ensino e aprendizagem que proporcionem interação adequada entre docentes e estudantes, por meio de aulas síncronas, assíncronas, *chats*, videoaulas e diversas modalidades de ensino remoto emergencial (OLIVEIRA *et al.*, 2020). No momento em que se percorre toda a dinâmica das atividades remotas, é possível se desenvolver no ensino, reinventar-se e se adequar às demandas diversas e particularidades educacionais atuais de acessibilidade, conectividade e aspectos emocionais (FERREIRA *et al.*, 2020).

Fato é que docentes que atuavam em espaços de elevada pressão por produtividade de excelência, neste momento, encontram-se intranquilos em relação ao futuro e na busca por soluções adequadas, exequíveis e de qualidade para os novos tempos que se configuram a partir da pandemia da Covid-19.

3.3 Futuro para a educação de enfermeiros diante dos novos desafios

O mundo globalizado apresenta complexidade desafiadora para a educação em enfermagem em universidades, sobretudo no contexto da pandemia e pós-pandemia. O modelo de educação presencial, na conjuntura da pandemia, necessitou sair de cena, cedendo lugar ao ensino remoto emergencial, por meio de plataformas digitais e novas metodologias de ensino. Por exemplo, cita-se o uso de várias plataformas de acesso gratuito nas disciplinas teóricas nas universidades, como *Sistema Moodle*; *Google Classroom*; *YouTube*; *Facebook*; *StreamYard*; *Open Broadcaster*; *Google Drive*. *Google Meet*; *JitsiMeet*, entre outros (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020).

Devido à globalização, ao aumento exponencial da população e à necessidade crescente de mecanismos tecnológicos para o auxílio na formação de discentes em universidades, previa-se a introdução dessas ações para os próximos anos (COSTA, 2019). Entretanto, foi o distanciamento social, de maneira repentina, que motivou docentes e discentes a se adequarem à nova realidade desafiadora e, em especial, foi imperiosa a necessidade de docentes se capacitarem para atuar com as novas salas de aulas: “plataformas e salas virtuais”.

Nesse contexto, os docentes das faculdades e escolas de enfermagem passaram a atuar em diversas áreas, como capacitação, pesquisa, comitês de gestão, orientações de alunos de graduação e pós-graduação, entre outras atividades que podem ser desenvolvidas em teletrabalho (COSTA *et al.*, 2020).

No mundo globalizado e imerso na pandemia do novo coronavírus (VLACHOPOULOS, 2020), repensar estratégias de ensino se tornou uma realidade nas universidades. Investimentos em plataformas digitais

e acesso dos estudantes a tecnologias são desafios que estão sendo enfrentados no contexto pandêmico em diversos países. Desta forma, a pandemia trouxe um grande desafio para a enfermagem, provocando reflexão sobre o ensino a distância nos cursos da área da saúde, em especial da enfermagem.

Diante da conjuntura exposta, salienta-se que a enfermagem apresenta especificidades para formação de discentes, as quais precisam ser observadas para garantia da qualidade do ensino.

O ensino remoto na enfermagem precisa ser avaliado com cautela, em função da necessidade da prática profissional como caráter formativo, principalmente na graduação em enfermagem (COSTA *et al.*, 2020). No entanto, a pandemia oportunizou a mobilização das instituições para repensar as práticas adotadas e a construção coletiva de medidas factíveis para o período que se apresenta. A nova experiência permite ampliar o debate sobre o uso dessas metodologias remotas no ensino em saúde, buscando reflexão sobre a interação destas com os demais métodos de ensino implementados e salvaguardando as especificidades do processo formativo dos profissionais de enfermagem.

O Ministério da Educação (MEC) brasileiro autorizou cursos de graduação totalmente EaD, entretanto, é preciso pensar no risco desta modalidade de ensino para o processo de formação dos futuros profissionais de enfermagem e, conseqüentemente, para qualidade da assistência prestada (BRASIL, 2017a). Para que o estudante de enfermagem tenha o processo formativo de qualidade, é preciso a vivência nos estágios, permitindo, assim, que se desenvolva a práxis na clínica, no gerenciamento, na gestão, entre outras atividades (BRASIL, 2019; XIMENES NETO, 2020).

Nessa perspectiva, é importante destacar que o Conselho Federal de Enfermagem (COFEn) considera que a formação em saúde, em especial em enfermagem, deve ser presencial e exprime preocupação com a qualidade do ensino realizado na modalidade a distância.

O avanço digital foi pensado como necessário para abranger as atividades inerentes à formação qualificada dos alunos. Assim, a perspectiva é o desenvolvimento de novas metodologias, *softwares* e projetos voltados para realidade dos discentes.

De acordo com a Universidade de Stanford, em futuro próximo, as salas de aula darão espaços para experimentações, os currículos escolares terão abordagem mais abrangente, que possibilitarão o desenvolvimento de projetos e experimentações em sala de aula, e o estudante passará a ser protagonista do desenvolvimento de ações de inovação, de acordo com a individualidade (COSTA, 2019).

A perspectiva é que no contexto pós-pandêmico deva haver maior utilização desses mecanismos, tornando o sistema educacional híbrido. O preparo de alunos e professores para as adversidades é uma realidade que deve estar cada vez mais presente no mundo globalizado (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020).

4. Conclusões

O presente estudo atingiu os objetivos propostos e trouxe à tona inquietações que suscitaram reflexões sobre o tema.

Indubitavelmente, entre os vários setores da economia que sofreram com a crise sanitária, o setor educacional deve ser destacado pela especificidade e pelo impacto no futuro dessa geração de estudantes e, por consequência, da economia como um todo.

A utilização do ensino remoto emergencial como alternativa para minimizar os danos para os estudantes ainda deverá ser objeto de investigação. Entretanto, esse processo terá consequências especiais para educação do Brasil.

A formação de enfermeiros experimenta um momento singular, em decorrência da pandemia da Covid-19, no Brasil e no mundo. Professores e estudantes estão se reinventando para o enfrentamento desse novo desafio. No entanto, há de se destacar que os momentos de crise propiciam a abertura de novos horizontes.

Os cursos de graduação em enfermagem presenciais na pós-pandemia têm a perspectiva de absorver a experiência atual e buscar inovações, articulando formas híbridas de momentos presenciais e em ensino mediado por tecnologia. Contudo, sem abandonar a ideia da importância das aulas presenciais na formação de enfermeiros.

Este estudo teve como limitação a dificuldade de transposição da barreira temporal, na atual conjuntura de incertezas e subjetividade dos autores, ao analisar o contexto. Além disso, entende-se que a impossibilidade de captar as percepções dos docentes em pesquisa de campo também se caracterizou como restrição, pois como o tema é complexo e multifacetado, quanto mais riqueza de dados, mais profícuas podem ser as soluções e as perspectivas futuras.

No entanto, considera-se que a principal contribuição deste estudo foi refletir sobre uma matéria que não somente inquieta docentes de enfermagem, mas estudantes e professores de outras carreiras. Outrossim, apresenta ponderações que podem servir de subsídios, para que gestores pedagógicos, docentes e órgãos de ensino adotem políticas apropriadas para os novos tempos que se afiguram.

Referências

- ALVES, L. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 10, 2011. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/235/113>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 37, 9 nov. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC**. Brasília: Ministério da Educação, 2020a. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 100, p. 3, 26 maio 2017a. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso em: 22 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 18 dez. 2017b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 ago. 2020.

- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 239, p. 131, 11 dez. 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020b. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 144, p. 62, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 28 ago. 2020
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Doença pelo Coronavírus COVID-19. **Boletim Epidemiológico Especial**, Brasília, n. 25, 2020c. Disponível em: <https://saude.gov.br/images/pdf/2020/August/12/Boletim-epidemiologico-COVID-25-final--1-.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- COSTA, J. P. R. O futuro da educação: novidades e desafios impostos pelos avanços tecnológicos. **Cadernos da Fucamp**, Minas Gerais, v. 18, n. 33, p. 105-109, 2019. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/1693/1116>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- COSTA, R. *et al.* Nursing teaching in COVID-19 times: how to reinvent it in this context? **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, p. e20200202, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v29/1980-265X-tce-29-e20200202.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- D'OLIVEIRA, C. A. F. B. *et al.* Cotidiano laboral docente: enfrentamentos dos professores de enfermagem na contemporaneidade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 54, e03577, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v54/pt_1980-220X-reeusp-54-e03577.pdf. Acesso em: 28 ago. 2020.
- DIAS, E.; PINTO, F. C. F. A educação e a Covid-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 545-554, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0545.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- FERREIRA, G. S. M. *et al.* Pandemia do COVID-19 e as possibilidades de resignificação das atividades de gestão no ensino superior: relato de experiência. **Revista Enfermagem Atual Inderme**, Rio de Janeiro, v. 93, p. e020006, 2020. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/814/676>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- HUMEREZ, D. C. *et al.* Normativas regulatórias dos cursos de enfermagem a distância: ações e reações do conselho federal de enfermagem. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 142-148, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2338/535>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. **Relatório Brasil no PISA 2018**: versão preliminar. Brasília: INEP/MEC, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.
- JOWSEY, T. *et al.* Blended learning via distance in pre-registration nursing education: a scoping review. **Nurse Education in Practice**, United Kingdom, v. 44, p. 102775, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S147159531930112X>. Acesso em: 25 ago. 2020.

- KOZLOWSKI-GIBSON, M. Online nursing education: reform from within our humanity. **Nurse Education Today**, United Kingdom, v. 68, p. 75-77, 2018. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0260691718302338>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- LEITE, W. S. S.; RIBEIRO, C. A. N. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Magis: Revista Internacional de Investigación en Educación**, Bogotá, v. 5, n. 10, p. 173-187, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4434902#:~:text=A%20inser%C3%A7%C3%A3o%20das%20TICs%20na,tecnologias%20na%20sua%20pr%C3%A1tica%20docente>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- LUSA, M. G. *et al.* A Universidade pública em tempos de ajustes neoliberais e desmonte de direitos. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 536-547, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v22n3/1982-0259-rk-22-03-536.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=17123&path%5B%5D=8228>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- NAJAFI GHEZELJEH, T. *et al.* Effect of education using the virtual social network on the knowledge and attitude of emergency nurses of disaster preparedness: a quasi-experiment study. **Nurse Education Today**, United Kingdom, v. 73, p. 88-93, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0260691718304404?via%3Dihub>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- OLIVEIRA, Z. M. *et al.* Estratégias para retomada do ensino superior em saúde frente a COVID-19. **Revista Enfermagem Atual Inderme**, Rio de Janeiro, v. 93, p. e020008, 2020. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/803/678>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Relatórios econômicos OCDE: Brasil 2018**. [S. l.]: OCDE, 2018. Disponível em: <https://www.oecd.org/economy/surveys/Brazil-2018-OECD-economic-survey-overview-Portuguese.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- PASINI, C. G. D.; CARVALHO, É.; ALMEIDA, L. H. C. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19**, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- PENNAFORT, V. P. S. *et al.* Práticas integrativas e o empoderamento da enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 289-295, 2012. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v16n2a19.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- RAMOS-MORCILLO, A. J. *et al.* Experiences of nursing students during the abrupt change from face-to-face to e-learning education during the first month of confinement due to COVID-19 in Spain. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 17, n. 15, p. 5519, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/15/5519/htm>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- SANES, M. S. *et al.* Educação a distância, não! Produção de sentidos dos discursos de entidades representativas da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 5, p. e20190465, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n5/pt_0034-7167-reben-73-05-e20190465.pdf. Acesso em: 28 ago. 2020.
- SOUZA, C. J. *et al.* As interfaces da (re) invenção do ensino na graduação em enfermagem em tempo de COVID-19. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 9, n. 7, p. e289974190, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4190/3446>. Acesso em: 25 ago. 2020.

- TANAKA, E. Z. *et al.* Educação a distância nos cursos de graduação em enfermagem: aplicação e efetividade. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, [S. l.], v. 21, n. esp. 1, p. 831-841, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10455/6813>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- VLACHOPOULOS, D. COVID-19: Threat or opportunity for online education? **Higher Learning Research Communication**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 16-19, 2020. Disponível em: <https://scholarworks.waldenu.edu/hlrc/vol10/iss1/2/>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- XIMENES NETO, F. R. Guimarães. Educação em enfermagem no Brasil: avanços e riscos. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 10, n. 6, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3368/643>. Acesso em: 24 ago. 2020.